

Il est hyver, danse ; faineante.
Appren des bestes, mon ami.
BAIF.

A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
 ANNO (52 numeros) 48\$000
 OITOMEZES (até ao fim deste anno) 32\$000
 SEMESTRE (26 numeros) 25\$000
 NUMERO AVULSO 1\$000
 SUPPLEMENTO \$500
 NUMEROS ATRAZADOS 1\$500
 SUPPLEMENTOS ATRAZADOS 1\$000

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Olavo Bilac*,

Direcção de *José Barbosa*

ESCRITORIO E REDACÇÃO
 115 Rua do Ouvidor 115

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 19 de Setembro de 1895

N. 20

A CIGARRA

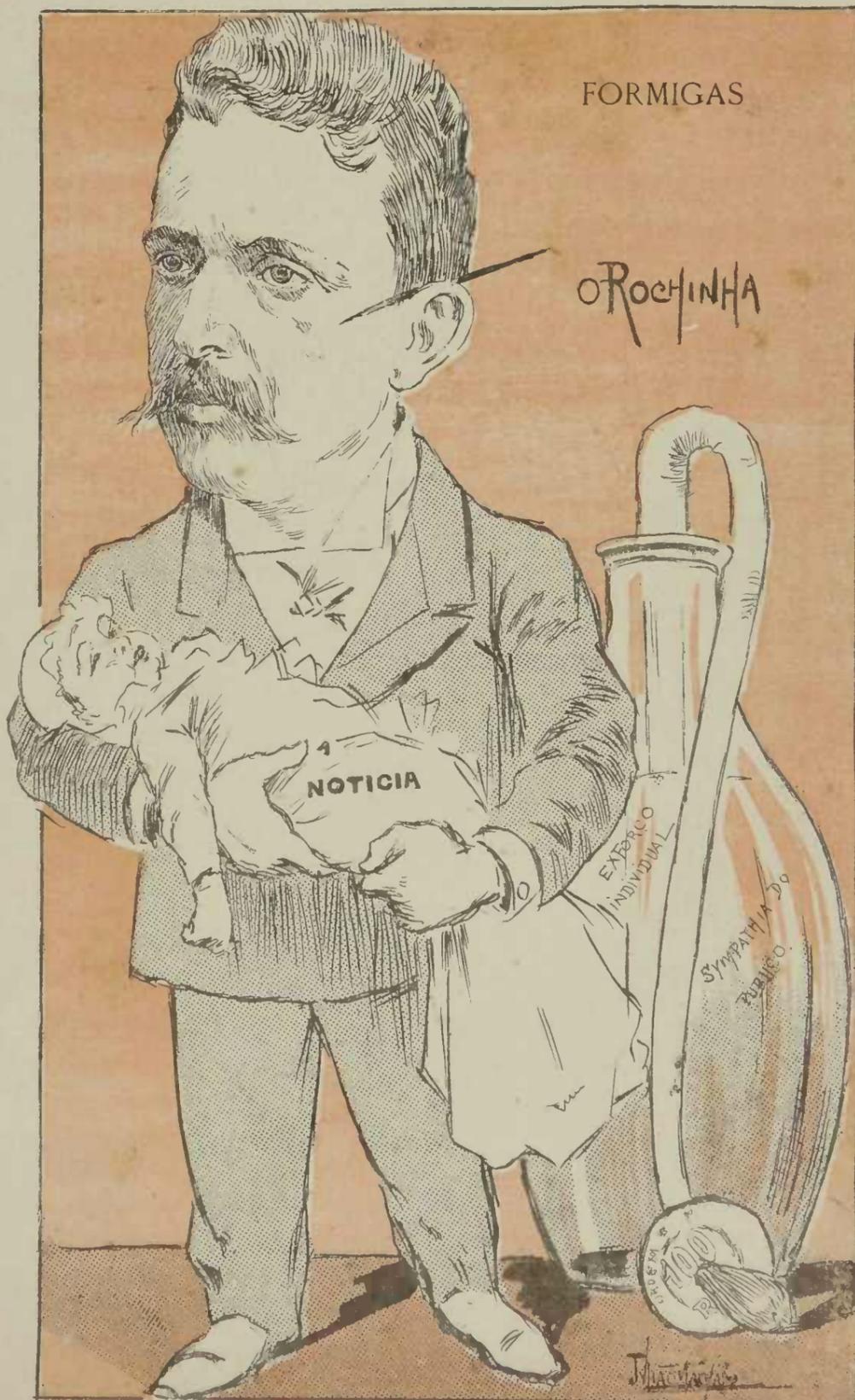
O nosso caricaturado de hoje é MANOEL DA ROCHA, o director da gloriosa *Noticia*, folha da tarde, que veio fazer na imprensa fluminense uma verdadeira revolução. Nunca, em tão breve tempo, houve jornal que tão larga popularidade conquistasse.

Não é costume nosso acompanhar do texto encomiastico as caricaturas que inserimos n' *A Cigarra*. Abrimos hoje uma excepção, saudando *A Noticia*, que na passada segunda-feira completou um anno de idade, e dando a MANOEL DA ROCHA uma prova do quanto admiramos e estimamos o seu talento e o seu caracter.



Devemos desde já prevenir o publico de que, a começar de 1 de Janeiro de 1896, suspendemos a venda avulsa d' *A Cigarra*, que, assim, sómente será distribuida aos seus assignantes. Estes terão, comtudo, direito á aquisição de numeros atrasados, de que porventura careçam, no caso de terem desfalcadas as suas colleções.

Fazemos esta declaração com tamanha antecedencia, para que a todo o tempo não se queixem de nós as pessoas que ainda não tiveram o bom gosto de assignar *A Cigarra*.





CREIO que a tradição bíblica do peccado original foi alterada depois de Moysés. Um amigo meu, versado em sciencias occultas, profundo conhecedor de todos os mysterios da Kabbala, discipulo de Eliphaz Lévi e Papus, homem que confabula com o além-tumulo, e que, como Swendenborg sabe o que se passa no seio de Jupiter, affirma-me que os versiculos 13 e 16 do Genesis estão errados. Segundo esse investigador de cousas complicadas, o verdadeiro texto é este :

« 13. E o Senhor Deus disse para a mulher : porque foi que te arriscaste a ter uma filha ? E ella respondeu : A serpente me enganou, e eu comi do fructo.— 16. E o Senhor Deus disse para a mulher : Eu multiplicarei os teus trabalhos e os teus partos. Tu em dôr parirás filhos e filhas, e estarás sob o poder de teu marido, e elle te dominará. E, para que sejas castigada, teus filhos e filhas casarão, e terás genros e nóras. E serás sogra ! »

Esse foi o castigo da mulher. E assim se explica o odio que todo o mundo tem ás sogras, e o pavor que ellas incutem aos homens que procuram matrimonio, e a perseguição que lhes movem os anedoctistas, e o frechamento de rimas venenosas com que a teem martyrisado todos os poetas satyricos da criação...

Mas, não ha maldição perpetua. O tempo apaga tudo. Era justo que as sogras tivessem um redemptor. Tiveram-n'o. E' um homem bonito, não muito alto, não muito baixo, antes gordo que magro, possuidor de um par de olhos formosos e de uma penna que tem escripto mais de duas mil paginas admiraveis e fortes.

Esse homem, que nasceu em S. Luiz do Maranhão, recebeu na pia baptismal o nome de Aluizio Azevedo. Mas, antes, já tinha recebido no berço as prophcias e as dadas das fadas, que, avocadas no momento da sua vinda ao mundo, deram-se pressa em vaticinar-lhe o futuro.

Uma d'ellas disse : « Será bello ! fará andar á roda muita cabeça de mulher bonita, e na chamma dos seus olhos muita mariposa anciosa virá queimar as azas imprudentes ! »

Outra, meneiando a cabeça : « Dar-lhe-ei cousa melhor ! Dar-lhe-ei o talento de transplantar para a téla as mulheres bellas que amar ! Será pintor ! »

Disse a terceira : « Não será pintor ! será escriptor ! a sua alma abrir-se-á, como um estuario vasto, para receber todos os

rios da paixão humana ! dirá todos os sofrimentos e todas as alegrias da vida, descera aos abysmos de todos os corações, e a sua Obra será um largo espelho magico, em que todo o mundo se verá reproduzido ! »

E iam retirar-se, quando na alcova appareceu a propria mãe Eva, a propria mulher primeira, que foi a primeira sogra, e disse : « E como escriptor, redimirá as sogras ! Para confusão dos genros, rehabilitará as sogras calumniadas, em um livro singular e piedoso, que será posto á venda na heroica e leal cidade de S. Sebastião, na terceira semana do mez nono do anno de mil oitocentos e noventa e cinco ! »

E assim foi que Aluizio Azevedo, tendo escripto muitos livros, escreveu este *Livro de uma Sogra*, que acaba de sahir á luz, e que eu acabo de ler de um trago

Seria inutil procurar n'este romance de *Aluizio*, a mesma fórma que serviu de molde ao *Cortiço* e á *Casa de Pensão*. O processo é o mesmo,— de observação e de analyse. Mas, nos outros livros, o estudo do autor abrangia grandes massas humanas. De maneira que, mesmo quando estudava *Amancio*, *Magdá*, *Pombinha* e todos esses personagens sem conta, que amam, soffrem, intrigam, conspiram, vivem e morrem no Kaleidoscopio gigante da sua obra, via-se que o auctor não se demorava a fixar a attenção n'uma só alma, desfibrando-a escrupulosamente, submettendo a á lente de um exame minucioso. N'essas obras, o que se estudava não era um homem, uma mulher, mas a Vida, immenso conjuncto de vidas innumeraveis... Aqui, no *Livro de uma sogra*, é uma alma de mulher, uma alma só, grande e meiga, que se estuda...

Esta chronica não póde analysar o livro novo de Aluizio. Estou aqui para dizer o que houve de notavel durante a semana, e não para fazer critica litteraria.

Mas que houve durante a semana ? Houve boatos e suicidios. Mas, os boatos deram em nada ; e quanto aos suicidios, porque tratar d'elles ? todos nós nos matamos mais ou menos ; depois, quem se mata por estar farto de viver, não se mata para fazer fallar de si : porque dar ainda a vida ephemera de uma referencia na chronica a quem deu á vida o safanão de supremo nojo, com que a gente se livra de uma preocupação importuna ? Volto á rehabilitação das sogras.

Porque, se não posso insistir n'esta secção d'*A Cigarra* sobre o valor litterario da obra de Aluizio, posso insistir sobre o valor moral da obra de rehabilitação das sogras, a que elle metteu hombros. Que importa que os genros se rebellem contra mim ? Nunca fiz caso de opinião dos homens. Só a opinião das mulheres me preocupa.

Ha tempos, como eu me mettesse a louvar o encanto das quarentonas, e a seriedade com que ellas amam, e o sabor delicioso dos seus beijos outonaes, e a paixão convencida com que sabem pôr toda a sua alma n'um olhar, e todo o universo dentro de um abraço,— todas as mulheres menores de trinta annos, não podendo conter um movimento de colera, franziram a testa e deixaram cahir sobre a minha cabeça culpada uma saraivada de remoques. Fiquei condemnado a passar pela rua do Ouvidor, sem receber o mais indifferente dos cumprimentos de moça. Não me suicidei, só porque previ que a zanga não podia durar muito. Mulher bonita não odeia. Ha mãos tão bel-

las, que não servem para amaldiçoar.

Desta vez, não creio que a minha apologia das sogras provoque a colera das nóras. O *sogrismo* é uma contingencia fatal na vida da mulher. Quem não é ou não foi sogra, sel-o-á. Mesmo porque ha para a mulher uma cousa peor do que chegar a sogra: é ficar para tia.

**

Abençoado sejas tu, Aluizio! Eu, se algum dia casar, faço questão de que minha mulher tenha mãe. Que não tenha pae! mas que tenha mãe! Que bello, ter em casa trez mulheres: uma já velha, aureolada de cabellos brancos, tronco sagrado de que rompeu o galho verde e carinhoso, que nos deu á alma cançada a sombra doce do amor! a segunda, galho verde d'esse

tronco, de onde rebentou uma flôr em que vemos reviver todo o perfume da nossa alma antiga! a terceira, flôr d'esse galho, flôr de carinha bregeira e mãos de velludo, flôr que nos arranca o bigode, que nos diz desaforos, que nos abre o céu n'um beijo, e que nos faz cahir de joelhos e crer em Deus, quando deixa cahir dos labios divinos as duas syllabas da palavra mais doce: *papae!*...

Oh! porque fallar mal das sogras? Olhae: de cem homens que fallam mal das respectivas sogras, noventa e nove são genros sustentados por ellas.

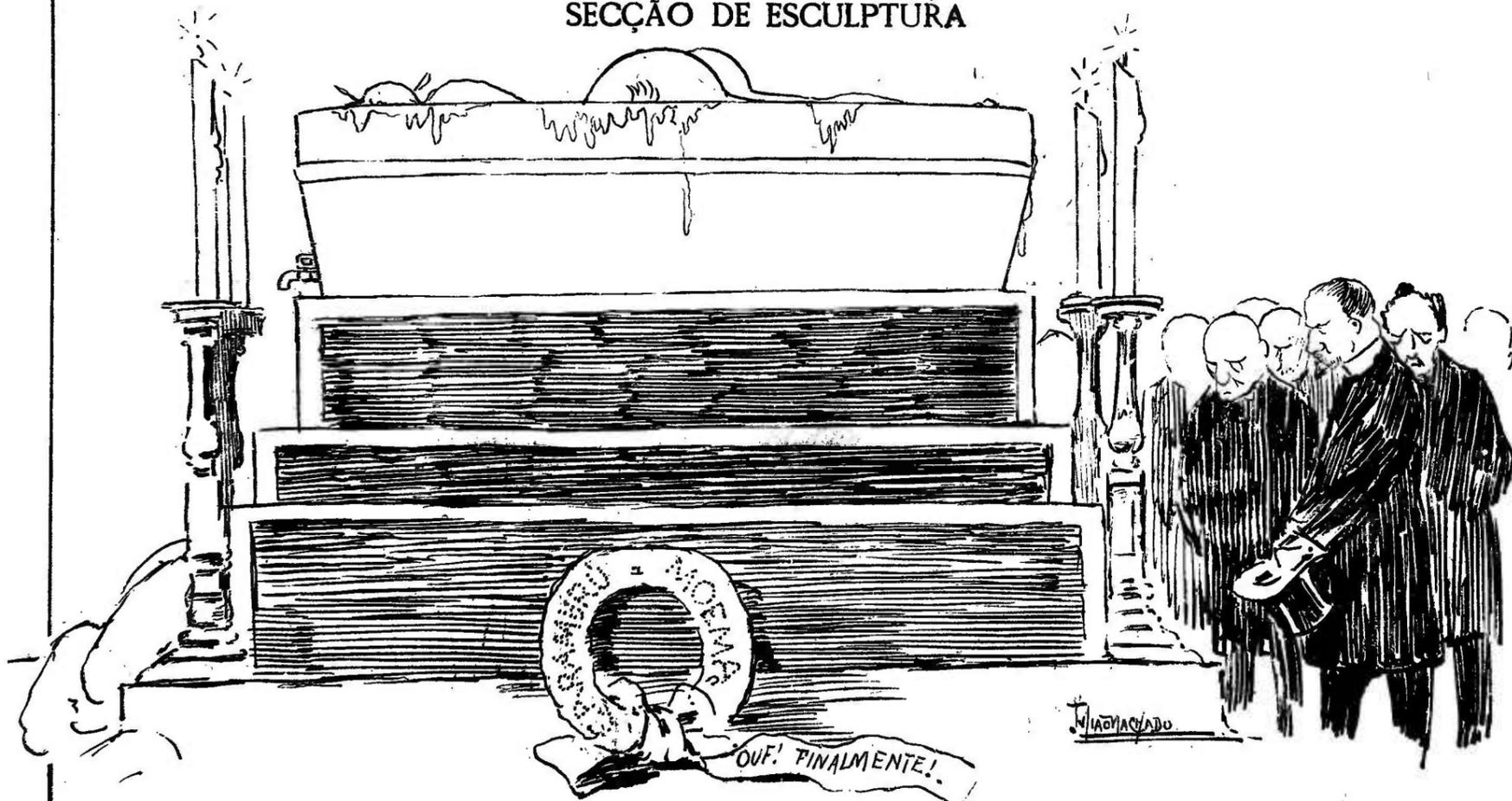
**

Abençoado seja Aluizio, Redemptor das Sogras!

Fantasio.

EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES

SECÇÃO DE ESCULPTURA



« MOEMA » — ou os funestos resultados da má collocação das boias, quando se toma banho sem saber nadar.

MINAS CAPITAL

Tambem *A Cigarra* foi a Bello Horizonte assistir a essas festas. Foi o nosso amigo Alberto Naylor quem lá representou *A Cigarra*, trazendo-nos a medalha de prata offerecida á imprensa.

Chegamos talvez tarde para dizer o que foram as festas. Já toda a imprensa a ellas se referiu, minuciosamente. Mas, cremos que será bom escrever alguma cousa.

A medalha, cunhada na Casa da Moeda, é bonita; bonitos são os projectos dos edificios que em Bello Horizonte se vão construir: bonito foi o banquete offerecido aos convidados (que bem precisavam d'elle, coitadinhos! depois de um dia de jejum); bonita foi a iluminação do arraial; bonitas eram as senhoras que concorreram... Emfim, só uma cousa não foi bonita: a viagem.

Não queremos dizer que não seja bella a paisagem, que durante a jornada festiva se desdobrou aos olhos dos viajantes: pelo contrario!

A viagem não foi bonita pela razão muito simples de que a administração da Estrada de Ferro Central tratou os representantes da imprensa com uma grosseria sem nome, fazendo-os passar quarenta e oito horas sem cama e sem comida, e tentando matar-os, — mas positivamente matar-os, á força de fome e de solavancos.

O nosso representante, graças á sua robusta constituição, chegou aqui vivo, (apezar de muito moido), milagrosamente salvo da tentativa de assassinato de que foi victima:

Tentativa de assassinato, sim! Porque a administração da Estrada Central, além de não dar comida aos jornalistas que cahiram na asneira de emprender essa viagem de quasi além — tumulto, ainda preparou contra elles descarrilamentos, choques de trens, desastres, o diabo! — Ah! aquillo foi um divertimento chéio...

Quasi todos os nossos collegas de imprensa callaram a falta de consideração com que foram tratados, na ida e na volta, os convidados, enquanto estiveram sob a immediata jurisdicção do pessoal do Sr. marechal Jardim.

Mas *A Cigarra*, que é uma rapariga mal creada, declara ao Sr. marechal Jardim que nunca mais cahirá em igual armadilha.

Salon Comico

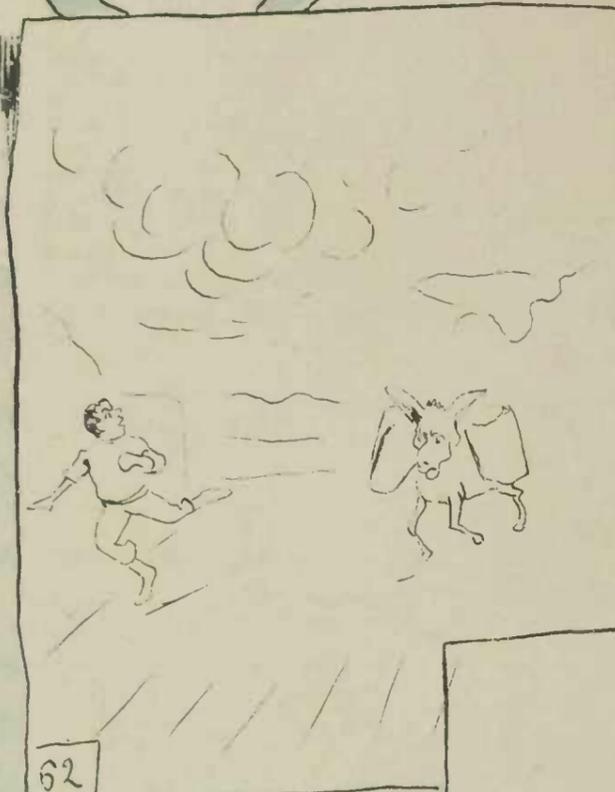
Por
FELMIRA

1895



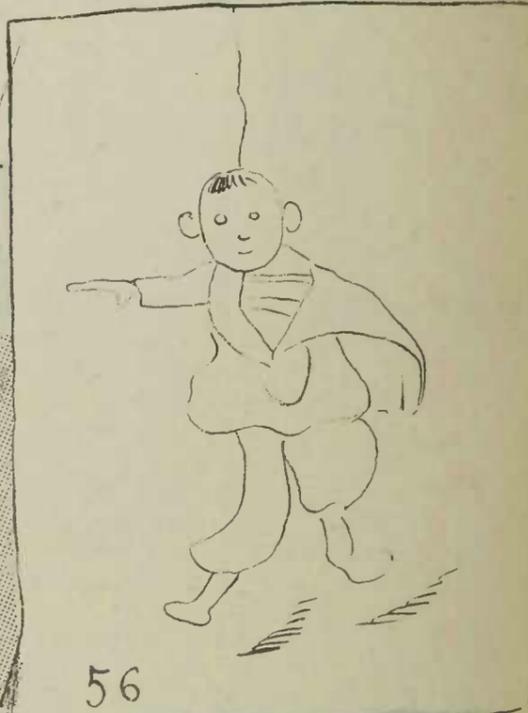
103

- Yô-yô, QUER LINGUIÇA?



62

LIVRA!..



56

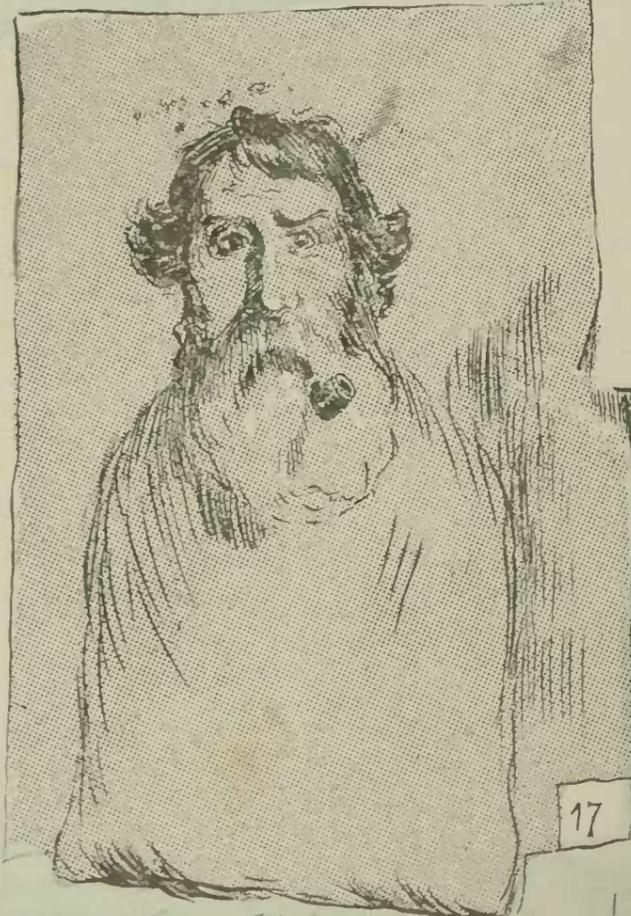
JOÃO MINHOCA



2

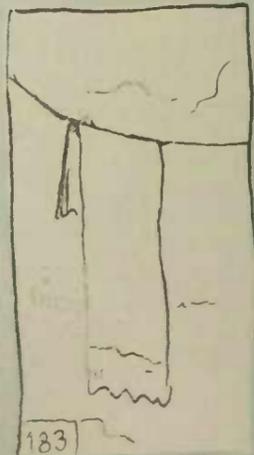
MEIA CARA

(A OUTRA MEIA PARA O
SALON DE 96)



17

TRISTE SORTE É A DO CARVOEIRO!



183

as Tostas do
Vinte e quatro

O RAPTO

A pagina que vae ser lida foi conseguida pela *Cigarra* a troco dos mais estranhos esforços e dos mais crueis sacrificios. Mas que importa? se conseguimos dar ao publico que nos lê uma prova do cuidado com que zelamos a symphãtia que elle nos dispensa! Esta pagina é um documento do mais alto valor — porque é o depoimento da creada de uma das 5 damas raptadas, durante os ultimos 15 dias. Mas não é só um depoimento, é mais alguma cousa! — é o depoimento escripto e *illustrado* pelo proprio punho da testemunha, que o assigna! Se depois d'isto os leitores não concordarem q ue a *Cigarra* é o primeiro periodico das duas Americas — cebo!



Era pur volta da uma.
Esja estava deitada a dormir
muito Bem quando um
mexer no crasto da cenõra
alvantei-me i expreitei

Via cenõra vistida
ao pé di a ginel
de xapur na kabesa

di pois de brus.
pou ce i um dizer
para bair A. Albertu
vã-ma de
deser

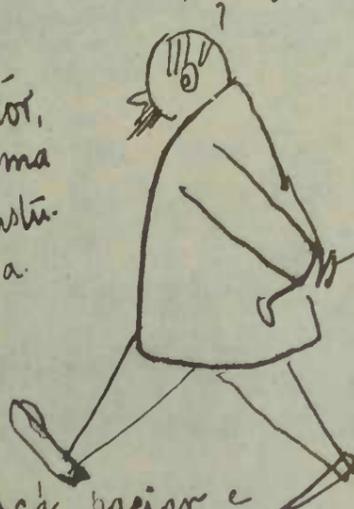


A Cenõra intã pesu
nu gaz tical i numa
malina i ca in

Eu con teime na gama
e puyma pensar a
culpa era di cenõr
q paca ra as noites
nu joque

i parebse q loqu pur koi
za de diabo o Cenõr cumu
nã viu a Cenõra per-
quintoume. Eu contei tudu

U cenõr Albertu i doutor,
amigu au cenõr fã ma
ridu da cenõra i custu
man viu muinto a
karta dus cenõres



El intã pozçã paçiar e
dize pois ki va pro diabo!
(com perbas di eo iskriver isto.)

Maç meia ora dipo is cumu nã cintie
mais paçiar fui i priitar a porta.
Jals tãra de tãra a dormir. Un recunat
primeiru e depois dizer com voz muinto
forti: Em xeio nu duble zero! Par ego que
Estava a çunbar co o vicio, coitadu du home.

Pela exactidã do copia
J. V. A. G. A. D. U.

Quinu jaca gabou u papel que
me de u não it pili que mais
Maria Juli



CAUTELOSAMENTE, pé aqui, pé alli, devagarinho, sahiram os pescadores ainda com o escuro da noite. e fôram-se ás aguas da politica. Puzeram-se a agital-as, sacudindo dentro d'ellas quanto boato absurdo e perverso pôde sahir da cabeça de um despeitado pescador de aguas turvas. Puzeram-se a agital-as... Ah! depois, com que largo gesto de mal contida anciedade, atirariam ao seio d'ellas as amplas redes! e que pesca farta, — de empregos, de soldos dobrados, de verbas secretas, de favores orçamentaes, de patifarias rendosas!

Voltaria o tempo abençoado, em que a delação era um sacerdocio, a espionagem uma religião, e a profissão de policia secreta a mais digna de todas as profissões! Voltaria a idade de ouro, em que não se sabia o que era falta de dinheiro, porque o Thesoureiro-mór não discutia o preço das dedicações que comprava, e porque, em dias de apuro, as notas recolhidas sahiam a dar um segundo gyro pelo paiz!... Oh! sonho doce!

X

Mas, d'esta vez, as aguas não se deixaram turvar. Em vão arremessaram para dentro dellas boatos e mais boatos. Trez batalhões revoltados em Nictheroy, quatro batalhões revoltados aqui, o chefe do Estado preso em Santa Cruz, Julio de Castilhos deposto por Galvão, Galvão deposto por Castilhos, o diabo. E as aguas limpidas e impassiveis... E porfim, nem mesmo os baixistas da Bolsa conseguiram ganhar alguma cousa com a machinação, porque a queda do cambio foi rapida e curta.

E quem ganhou tudo foi o presidente da Republica, a quem o povo fez uma ovação entusiastica, no momento em que o supposto prisioneiro da Ilha Grande pisou o chão da Capital. Ainda bem! Por mim, confesso que acreditei nos boatos. Eram absurdos? pois sim! n'esta terra, só o que é absurdo é que é logico... Eram perversos? mais uma razão para serem verdadeiros.

Pela rua do Ouvidor, todo o mundo perguntava com afflicção: « Mas, decididamente, esta gente não tem mais o que fazer? »

Não tem, não! O boato é a sua profissão, a sua industria, o seu negocio, o seu meio de vida, o seu ganha-pão. A gente que longo tempo gozou das famas e dos proveitos do titulo de consoladora das instituições, não pôde agora admittir que ellas, sem o seu auxilio, ainda estejam consolidadas. Tudo vae mal, desde que não está entregue aos benemeritos, que salvaram a Republica por empreitada, ao preço de duzentos contos de réis.

X

Para que se veja a vontade que ha de perturbar a obra da pacificação do Rio Grande, basta ler os telegrammas castilhistas que de lá vem. Em todos esses telegrammas, ha a affirmação, feita com jubilo, de que os federalistas não largaram ainda as armas, e não as largarão, enquanto Castilhos estiver no poder.

Mesmo admittindo que isso fosse verdade, parece que o dever do quem ama o Brazil seria consignar o facto com magoa, tentando demover d'esse proposito insensato os revo-

lucionarios. Mas faz-se juntamente o contrario. A cada telegramma d'esses que chega, ha gyrandolas festivas, nos arruaes jacobinos. Oh! os grandes patriotas, para quem mais uma desgraça da patria, é mais uma ventura na vida!

X

Demais, o melhor meio de acalmar os odios no Rio Grande parece ser, para essa gente, o irrital-os, o açulal-os, o augmental-os. Tal um medico que, para cicatrizar uma ulcera, despejasse sobre ella um frasco de acido sulfurico

O governo legal chamou a si os revolucionarios, convenceu-os de que já é tempo de tomar juizo, deu-lhes garantias, acalmou-os, submetteu-os. Os homens, que só batalhavam porque lhes davam bordoada, e é justo que se defenda quem apanha, foram os primeiros a dar tudo, sem nada exigir. Fez-se a paz. E que fizeram os interessados na continuação da guerra? Desandaram a descompor os submettidos, com uma falta de generosidade que orça pela covardia.

Ora, esses senhores suppõem que têm o privilegio do brio e o monopolio do amor proprio, como já tiveram o privilegio das posições gordas e o monopolio do dinheiro publico. Como querem que se submettam de facto aquelles que, chamados a uma conciliação honrosa, estendem generosamente a mão a quem os chama, e, em vez do toque fraternal, recebem n'ella o escarro venenoso das pequeninas paixões descontentes?

X

O que ha de curioso é que os despeitados escolhem para bode expiatorio do seu rancor o general Galvão, que é um simples emissario do governo.

Se a pacificação foi um erro, e mesmo um crime, como o quer a gente que obedece ao mando do Sr. Julio de Castilhos, porque não responsabilisam por esse crime o Sr. Prudente de Moraes, que já declarou em pleno Itamaraty *que é elle e elle só quem governa?*

O general Galvão exorbitou das suas instrucções? Porque não foi ainda demittido?

Eu, se fosse o Sr. Prudente de Moraes, não estaria muito lisongeiado com o singular juizo que fazem do seu papel de chefe da nação os degoladores da camara. E' um papel de... innocente, para não empregar outro adjectivo mais forte.

X

Mas o Presidente da Republica bem sabe o que elles querem...



L. F.

Theatros

Ah! que não seja eu nephelibata!... Que não saiba eu, instrumentando as minhas vogaes, Wagner da phrase, transformar o meu periodo em qualquer cousa que tenha voz e perfume, côr e movimento, em qualquer cousa que entre pelas almas, aprisionando-as, invadindo-as, amarrando-as ao meu rythmo, escravizando-as ao jugo de ouro da minha Ideia!

Mal de mim! quando comecei a escrever, só se sabia escrever como se falla, dizendo as cousas como as cousas são:

como poderia eu agora, aos quarenta e cinco annos de idade, mudar de ideal, de escola e de estylo, com a mesma facilidade com que mudaria de casaco, de collete e de calça?...

Ah! que não seja eu nephelibata! que não saiba eu, para tratar d'esta Ida Füller, que faz a *Dansa Serpentina*, dar á minha prosa essa vaga maneira ondulante, que só os iniciados entendem, e que, como o estylo de um Deus, fica pairando acima das almas vulgares, inaccessible á intelligencia dos profanos! Porque, emfim, como hei-de eu corporisar nesta velha fórma, n'esta rafada linguagem, que é a de todo o mundo,—a minha como a do meu sapateiro,—a impressão miraculosa que ella me deixou nos olhos e na alma,—ella, a pallida Füller, que é tão feia nos retratos e tão bonita em scena?!

Emfim, cá vou eu, pallida Füller, cá vou eu por esta columna abaixo, rolando de trópo em trópo e de tolíce em tolíce, como uma cascata louca.

Onde irei eu cahir, Füller? No ridiculo? Pouco importa. O que eu quero é chegar ao fim da columna.

Ha um silencio profundo. O palco, vasio, tem a mudez de um templo que espera a sua deusa... Na platéa, binoculo em punho, olhos esbogalhados em que a anciéidade põe uma chispa de febre, peito oppresso, alma álerta,—a multidão nem respira. De repente, um jorro de luz electrica inunda a scena. E, leve como uma visão, n'uma espiral de gaze deslumbrante, eil-a ahi vem, filha do Sonho, alma do Luar, a pallida Füller...

A principio, n'um passo languido de bayadera, n'um movimento que tem a graça do colleio de uma cobra e a magestade do meneio de uma palmeira,—deslisa. A luz electrica cerca-a de um halo fulgido: e toda ella resplandece, como um nimbo, á noite, á hora mystica do plenilunio, quando, no mesmo banho de prata liquida, sonham as nevoas que velam no céo e as flôres que dormem na terra.

Na platéa, velhos caccochymos tremem, batendo o queixo. Meninos imberbes trincam o beijo. Homens graves empalidecem. Senhoras deixam-se cahir móllemente sobre os respaldos das cadeiras, com uma humidade de extase no olhar...

Depois, Füller, juntando os pés, rodopia um momento. E a luz rodopia com ella. E, derredor do seu corpo, o ar esplende todo, vergastado de raios. Então, da sua leve cintura, altas petalas de gaze sobem, irradiam, expandem-se... E Füller é uma alva flôr mysteriosa... E a gente espera, soffrega, o momento em que do seio d'essa corolla um bando, trefego de Djinns e de Kobbolds irrompa, n'nma revoada...

E, pela platéa, passa, como um gemido abafado, sahido de trezentas boccas, um *ah!* longuissimo...

Agora, duas azas pandas, duas azas immensas, duas azas tremulas sobem das espáduas da dansarina que foge: Foge, foge, foge da luz que a persegue! Volta. De novo, a luz a cinge de um longo beijo apaixonado. Foge, foge,—mariposa espantada e medrosa, que sabe que a luz vae mata-la. E a luz a seguil-a, e a luz a beijal-a... Foge. As azas largas crescem, enchem a scena. E a pallida Füller, rendida á caricia da luz, desmaia docemente.

E pela platéa ouve-se chôro e ranger de dentes, como na Biblia,—mas chôro de volupia, ranger de dentes cúpidos...

Depois, ai! depois! Füller foge para sempre. O theatro vem abaixo, com o estrôndo das aclamações. E quando a *Serpentina* reaparece, muito affogueada e muito risonha, para agradecer os applausos, a gente murmura, com magoa: «Oh! senhora! não appareça nunca como mulher feia! não quebre com essas banalissimas mesuras de encomenda o encanto de quem a vê, ave e flôr, mariposa e nuvem, sylpho e estrella, brilhar, gyrrar e rescender, na vaga neblina do sonho! oh! senhora!» E a gente...

... quero dizer: eu... Eu, cahi. No ridiculo? Que importa? cahi no ponto final.

Such.

O COMMERCIO DA RUA DO OUIDOR



Uma conhecida casa commercial da rua do Ouvidor instituiu a moda das liquidações com trombones e caixas de rufo.

A *Cigarra* ainda espera ver liquidações feitas por este modo:—O operoso commerciante lança, assim vestido, o seguinte pequeno 'bonimento':

« Entrar, meus senhores e minhas senhoras!

Gravatas por dez réis de mel coado! Setins a \$500 o metro! um ovo por um real!

A firma XPTO & C. no seu alto intuito de servir bem os clientes, soube ligar ao util o agradável:

— Quem fizer despeza superior a 2\$000 terá o direito a assistir gratuitamente ao espectáculo maravilhoso em que tomam parte 4 575 728 pulgas e 1.754.072 ratos expressamente creados e educados em nossos armazens! Entrar, senhores, entrar!



Rubra, rubro o vestuário e rubra a seda
da umbrella aberta, ao geito das cacoulas;
Com o cabelo alastrado de papoulas
rompe o cesulo verde da alameda.

De Habana, ea malagudeta das creoulas,
— sangue na gueltra, espaventosa e treta,
toda granada e punch em labareda,
pondo na praça as creaturas tolas...

Conjo pandeiros, pende em cada orelha
um halo de ouro, na explosão vermelha
de um perigoso e lubrico salero;

E tanto mais provoca e escandaliza,
por se saber ter vindo, a que aqui pisa
na sanguinaria sucia de um torero

B. LOPEZ

(BRAZÕES)

[Handwritten signature]